nara roesler

SP-ARTE 2025

estande e1

preview
quarta-feira, 2 de abril

aberto ao público
quinta-domingo, 3–6

pavilhão da bienal
parque ibirapuera, são paulo

confira nossa programação especial

jim lambie

Jim Lambie
Metal Box (Montpellier), 2025
aço polido, chapas de
alumínio e tinta esmalte
80 x 80 x 22 cm

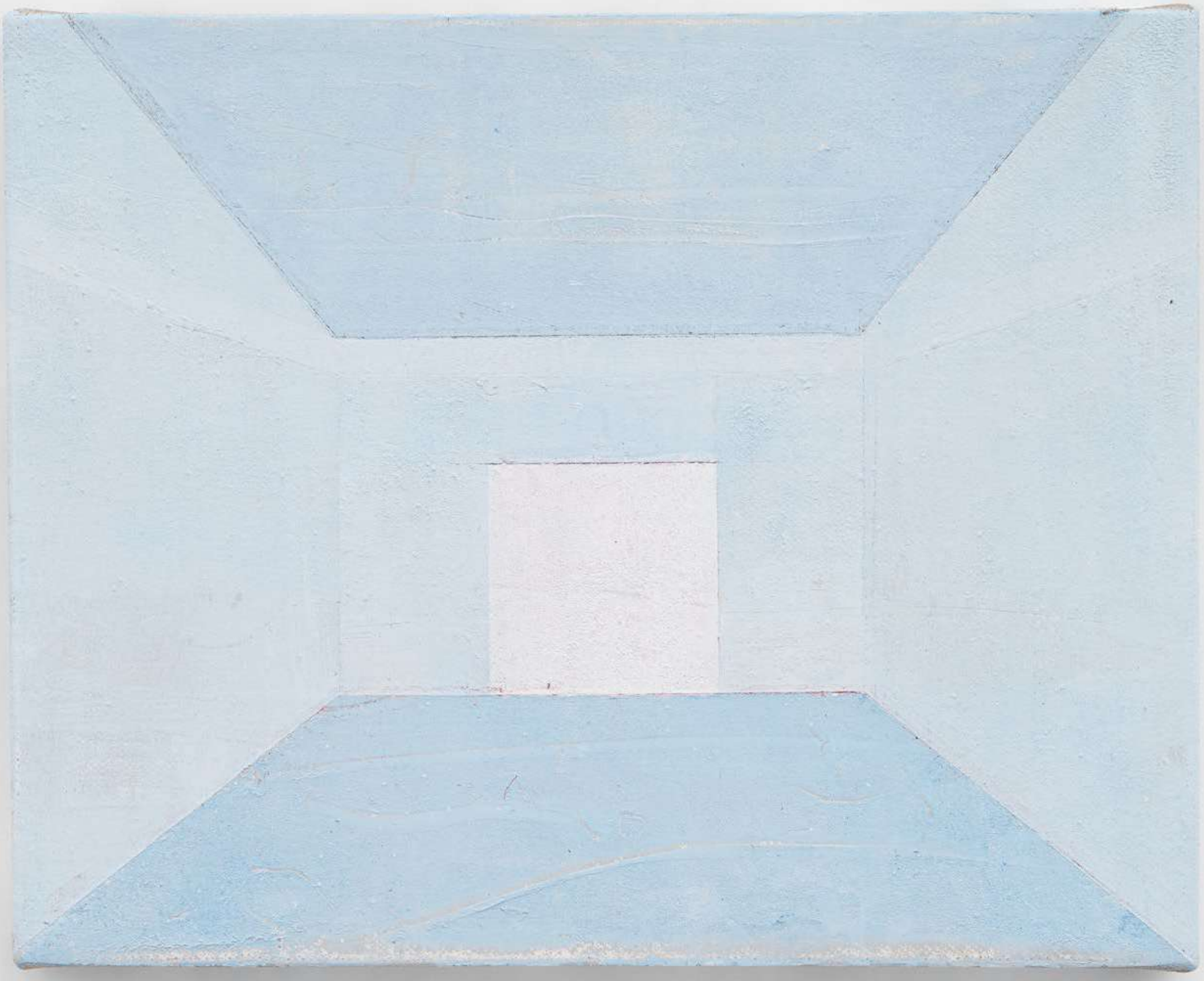
Jim Lambie
Metal Box (Nairobi), 2025
aço polido, chapas de
alumínio e tinta esmalte
80 x 80 x 17,5 cm

mais sobre o artista →

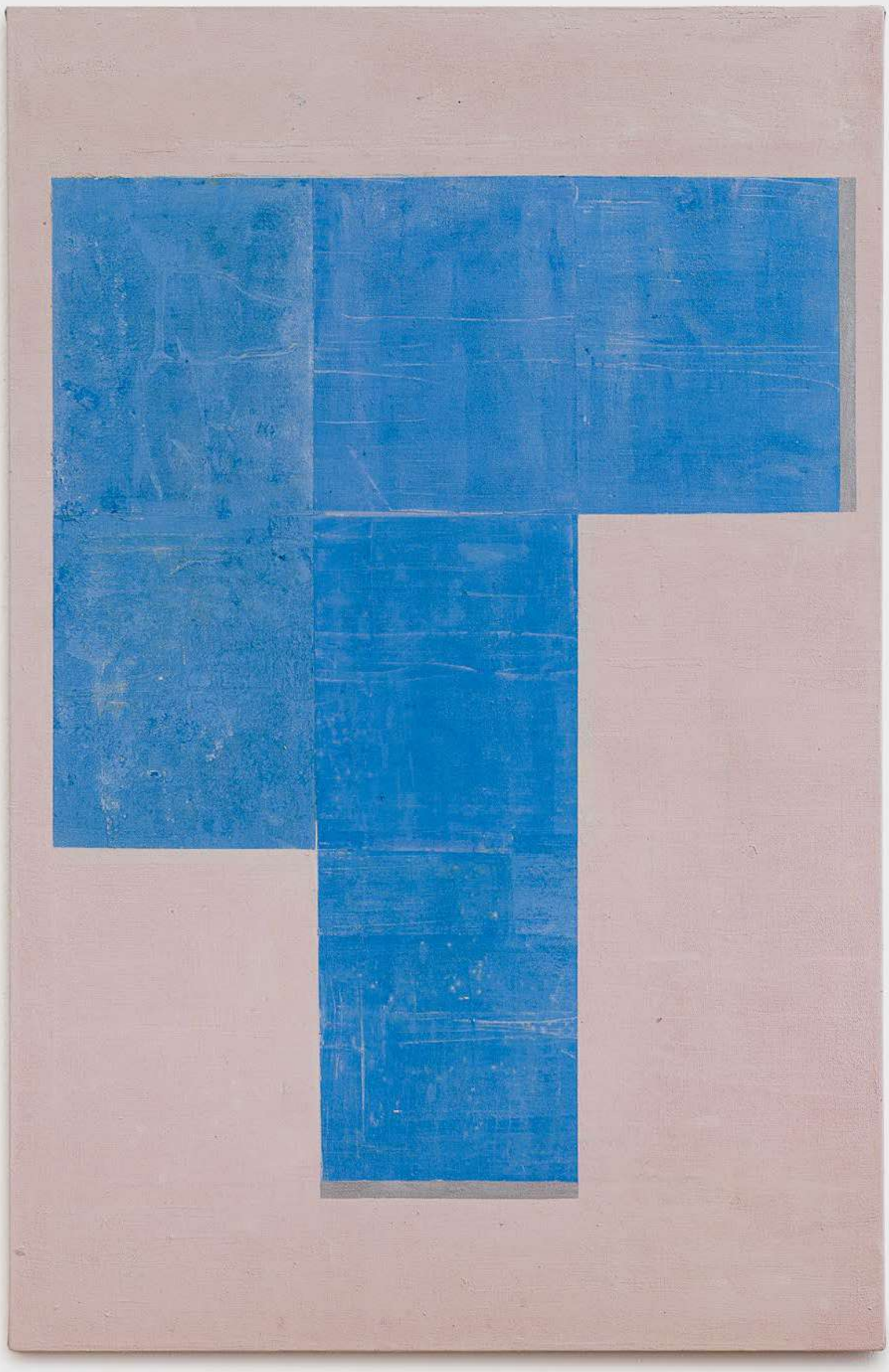
fabio
miguez

Fabio Miguez
Sem titulo, 2024
tinta óleo e cera sobre linho
24 x 25 x 1 cm

Fabio Miguez
Sem titulo, 2024
tinta óleo e cera sobre linho
24 x 30 x 2 cm



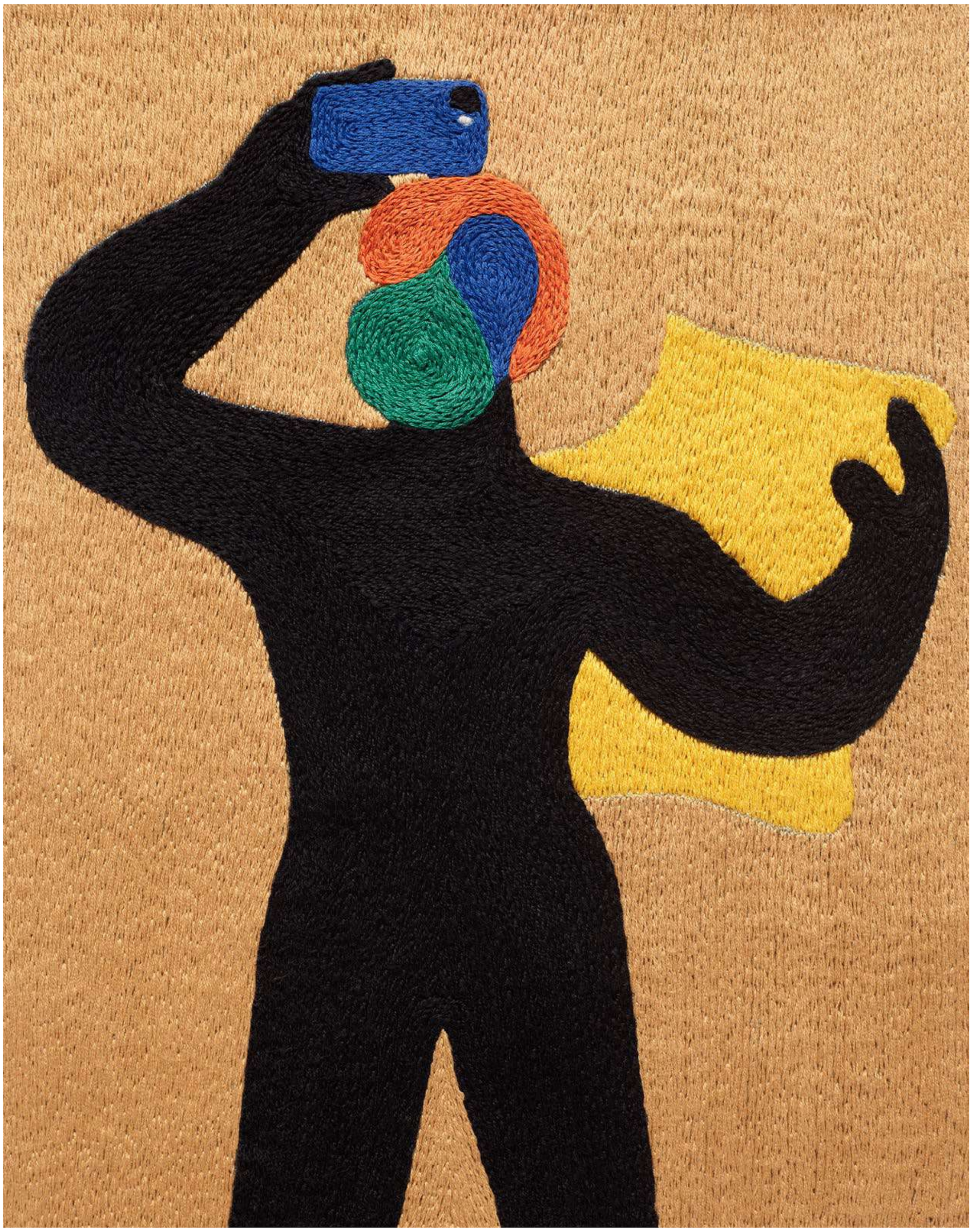
Fabio Miguez
Sem titulo (série *Dobras/Paramentos*), 2024
tinta óleo e cera sobre linho
160 x 100 cm



mais sobre o artista →

vik muniz

Vik Muniz
Busy Men (série Pictures of Thread 2), 2025
impressão jato
de tinta em papel archival
edição de 3 + 1 PA
96,5 x 76,2 cm



Vik Muniz
The Great Selfie
(série Pictures of Thread 2), 2025
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 3 + 1PA
96,5 x 76,2 cm

Vik Muniz
Dog fight (série Pictures of thread 2), 2025
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 3 + 1 PA
96,5 x 76,2 cm

mais sobre o artista →

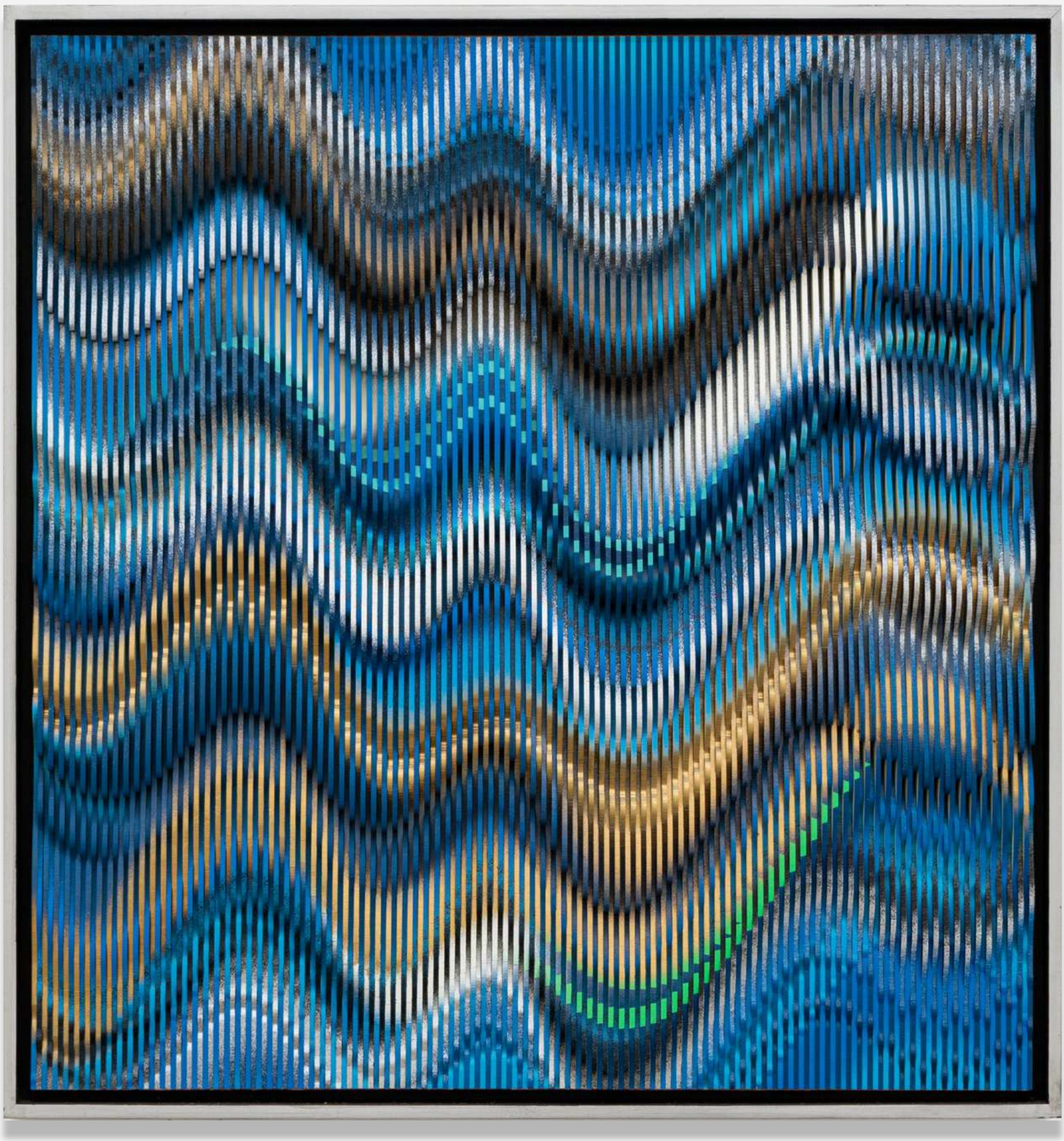
artur
lescher

Artur Lescher
Rio Tigra #05, 2025
latão e feltro
edição de 1 + 1PA
100 x 244 x 27 cm

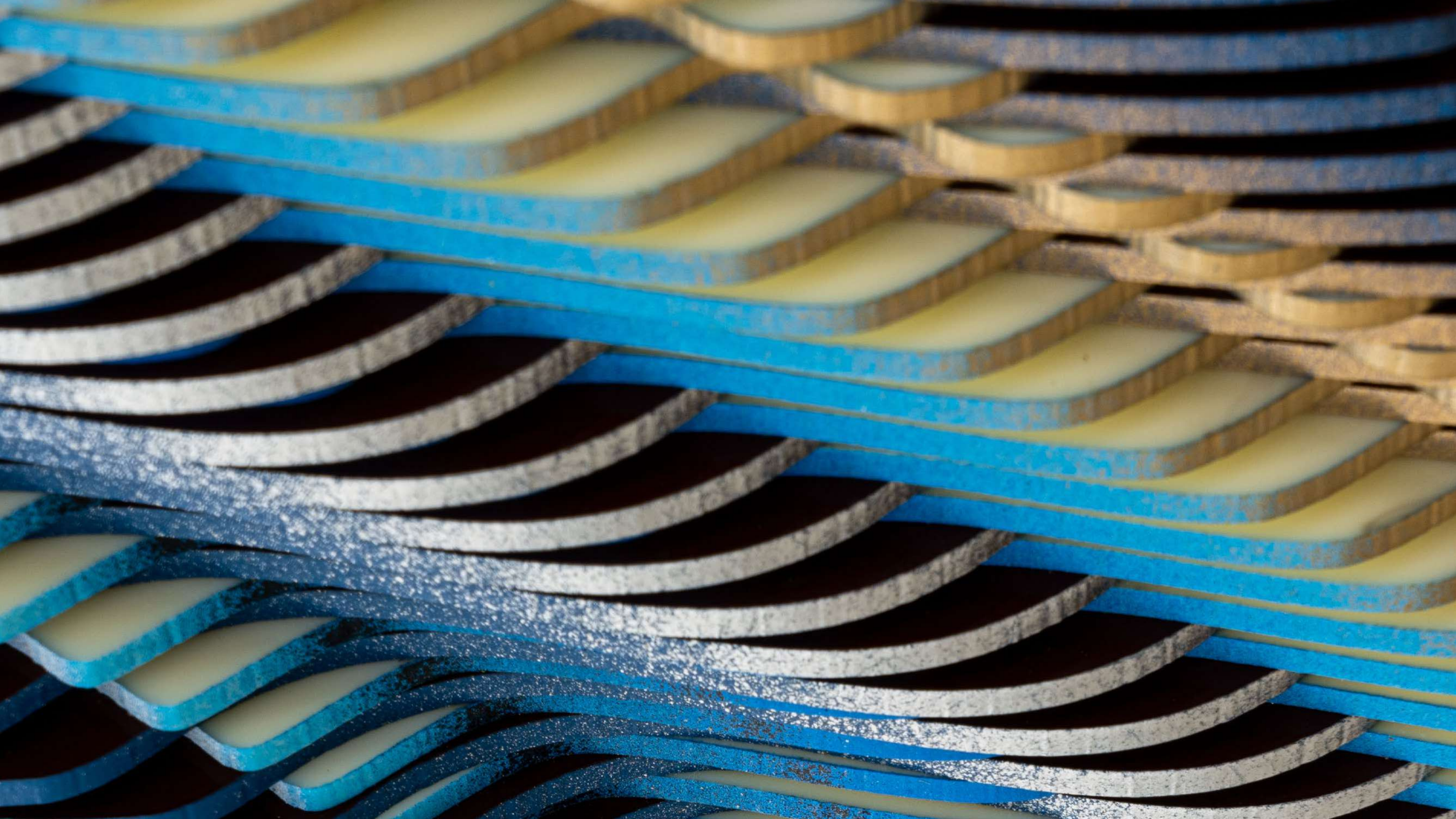
mais sobre o artista →

abraham palatnik

Abraham Palatnik
Sem título, 2018
relevo, tinta alquídica
sobre acrílico
60,5 x 57,5 cm



mais sobre o artista →



amelia

toledo

Amelia Toledo
Mina de azul # 01
(série Minas de cor), 2006/2007
seixos de quartzo azul
e chapas de aço inox
one of a kind
41 x Ø 85 cm

mais sobre a artista →

alberto

pitta

OLODUM

Alberto Pitta
Olodum: Índia Caminhos da Fé, 1992
colagem, impressão, tinta
e caneta hidrográfica sobre papel
66 x 152,5 cm

OLODUM
OLODUM
OLODUM

Alberto Pitta
Ilê Ayiê, 2024
tinta e impressão
sobre tela
290 x 165 cm

Alberto Pitta
Ewe, 2024
pintura e serigrafia
sobre tela
160 x 135 cm

mais sobre o artista →

isaac julien

Isaac Julien
Duas linhas sobre Pierre Verger (Lina Bo Bardi - A marvellous entanglement), 2019
fotografia em papel Endura Ultra
edição de 6 + 1 PA
180 x 240 x 7,5 cm

mais sobre o artista →

elian almeida

Elian Almeida
Sem título (Baiana), 2025
tinta acrílica e óleo sobre tela
150 x 95 x 5 cm

[mais sobre o artista →]

raul mourão

Raul Mourão
Trap Marsupial # 01, 2024
aço corten
71 x 79 x 47 cm

Raul Mourão
Trap Marsupial # 02, 2024
aço corten
64 x 63 x 53 cm

mais sobre o artista →

vista do stand,
SP-Arte 2025

berna reale

Berna Reale
TEMPU, 2025
impressão em papel de algodão
e montagem em metacrilato
100 x 150 cm

mais sobre a artista →

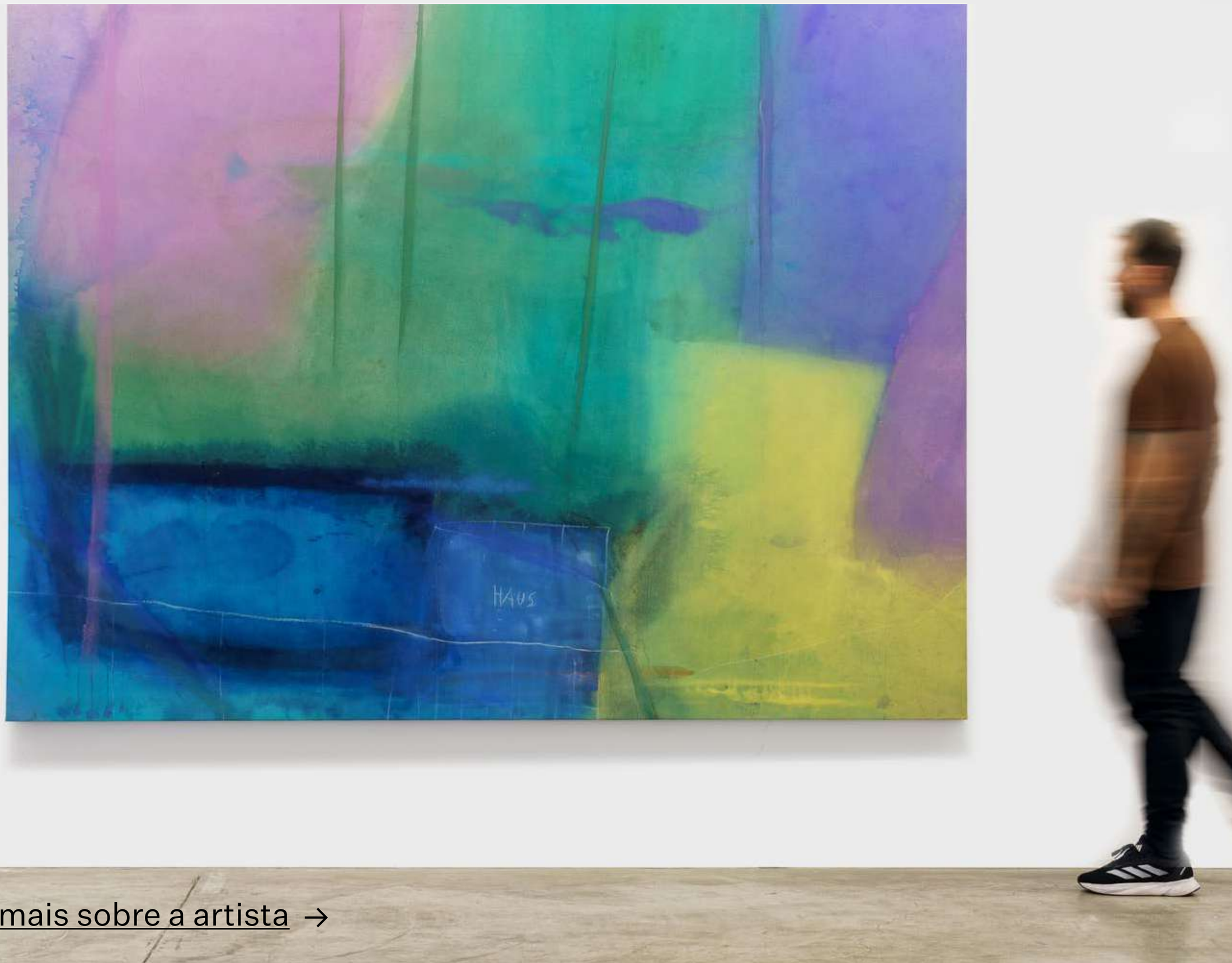
bruno dunley

Bruno Dunley
Mar, 2024
tinta a óleo e óleo gel
espessado sobre tela
170 x 140 cm

mais sobre o artista →

karin
lambrecht

Karin Lambrecht
Composição desabitada, 2015
pigmentos em meio acrílico,
riscos com pastel seco, marcas
de poeira e chuva sobre lona
200,5 x 256,5 x 3,6 cm



mais sobre a artista →

manoela medeiros

Manoela Medeiros
Pétalas mimetizando folhas, 2025
tinta acrílica, massa acrílica, pigmento
mineral e escavação sobre tela
150 x 121 x 5 cm

Manoela Medeiros
Sementes lançadas, 2025
tinta acrílica, massa acrílica, pigmento
mineral e escavação sobre tela
160 x 200 x 5 cm

mais sobre a artista →

cássio vasconcellos

Cássio Vasconcellos
Viagem Pitoresca pelo Brasil # 70, 2016
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
150 x 225 cm

Cássio Vasconcellos
Viagem Pitoresca pelo Brasil # 177, 2016
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
133 x 200 cm

mais sobre o artista →

laura

vinci

Laura Vinci
Estrelar # 02, 2025
latão, bronze banhado a ouro,
alumínio, aço inoxidável
e vidro borosilicato
edição de 5 + 2 PA
75 x 40 x 28 cm

Laura Vinci
Estrelar # 01, 2025
latão, bronze banhado a ouro,
alumínio, aço inoxidável
e vidro borosilicato
edição de 5 + 2 PA
76 x 12 x 33 cm

mais sobre a artista →

marcelo silveira

Marcelo Silveira
Peles II, 2022-2024
madeira cajacatinga
e aço inoxidável
165 x 130 x 60 cm

Marcelo Silveira
Vegetariana I, 2012-2024
madeira cajacatinga e cera de abelha
70 x 160 x 90 cm

mais sobre o artista →

jonathas de andrade

Jonathas de Andrade
Decalque-Estilhaço:jardim, 2022
peças de mdf e pintura automotiva
edição de 1 + 1 PA
dimensões variáveis
(cerca de 250 x 400 cm)

[mais sobre o artista →]

marcos chaves

Marcos Chaves
*Sem título (*série *Hommage aux mariages)*, 1989/2020
madeira e plástico
edição de 3
dimensões variáveis

Marcos Chaves
Sem título (série *Hommage aux mariages),* 1989/2025
metal e fio de Nylon
14 x 60 x 2,5 cm

mais sobre o artista →

thiago
barbalho

Thiago Barbalho
Demiurgo dançando, 2025
tinta óleo, acrílica, lápis de cor,
marcador permanente, lápis grafite
e caneta esferográfica sobre tela
182 x 160 cm

mais sobre o artista →

brígida
baltar

Brígida Baltar
Sem título, 2002
vidro, pó de tijolo
e cola PVA sobre tijolo
21 x 10,5 x 7,9 cm

mais sobre a artista →

mônica ventura

Mônica Ventura
Mel para dois, 2025
tinta óleo sobre tela
15 x 20 x 1,5 cm

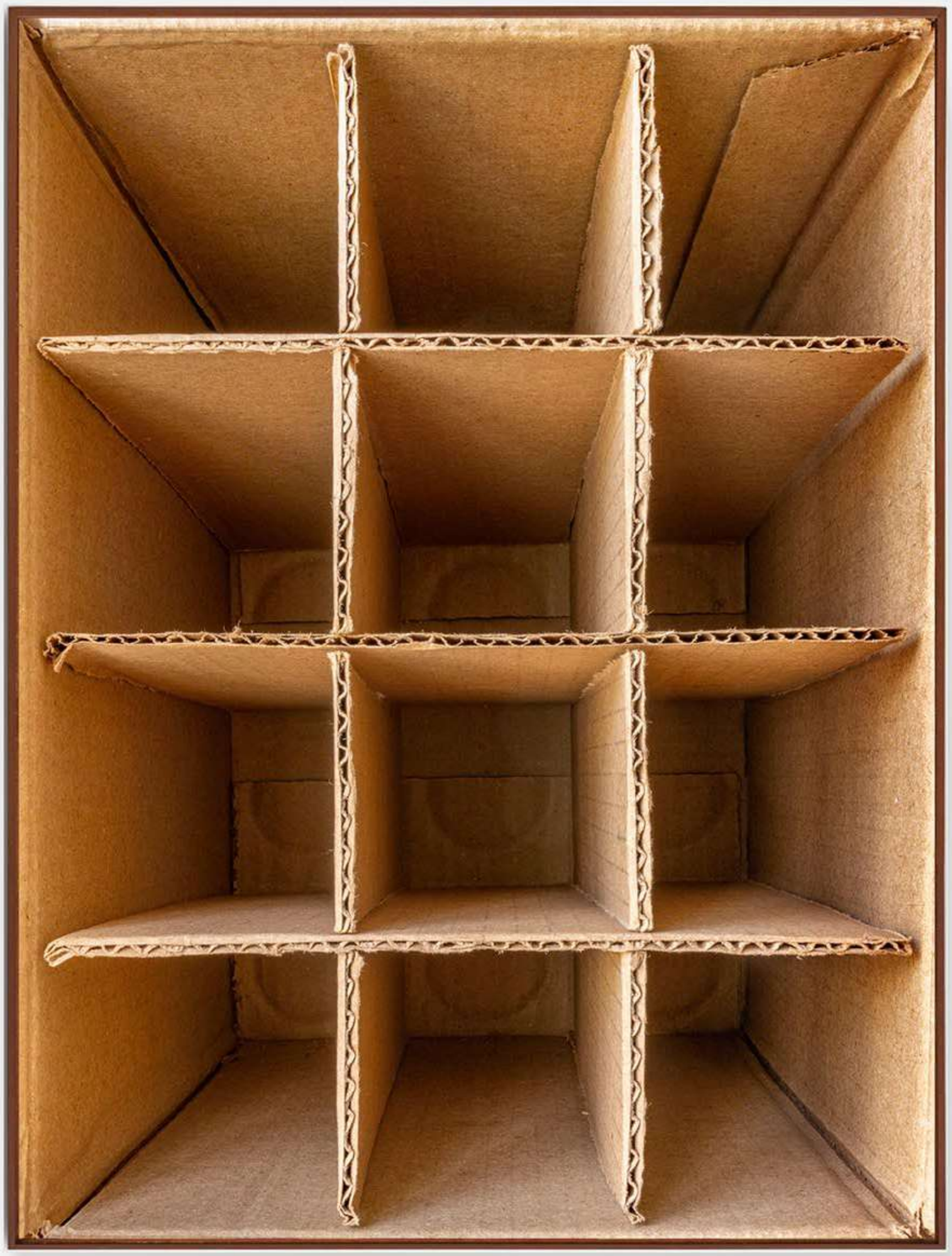
Mônica Ventura
Pérola, 2025
tinta óleo sobre tela
15 x 20 x 1,5 cm

vista do stand,
SP-Arte 2025

lucia

koch

Lucia Koch
Kombucha, 2023
impressão de pigmento
em papel de algodão, UV fosco
edição de 3 + 1 PA
150 x 112,5 cm



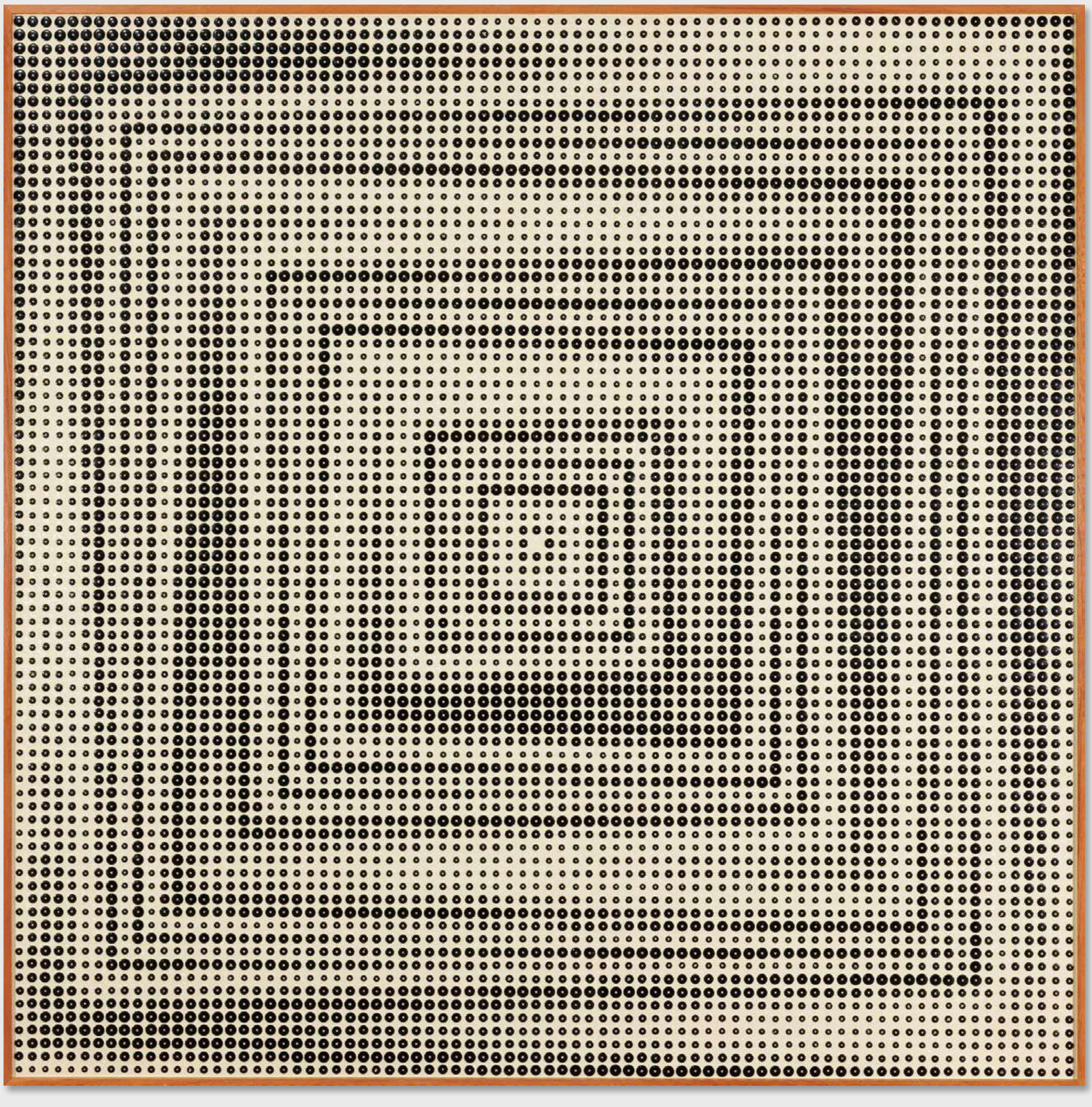
Lucia Koch
Lasagna, 2023
impressão de pigmento
em papel de algodão, UV fosco
edição de 3 + 1 PA
239 x 149 cm

mais sobre a artista →

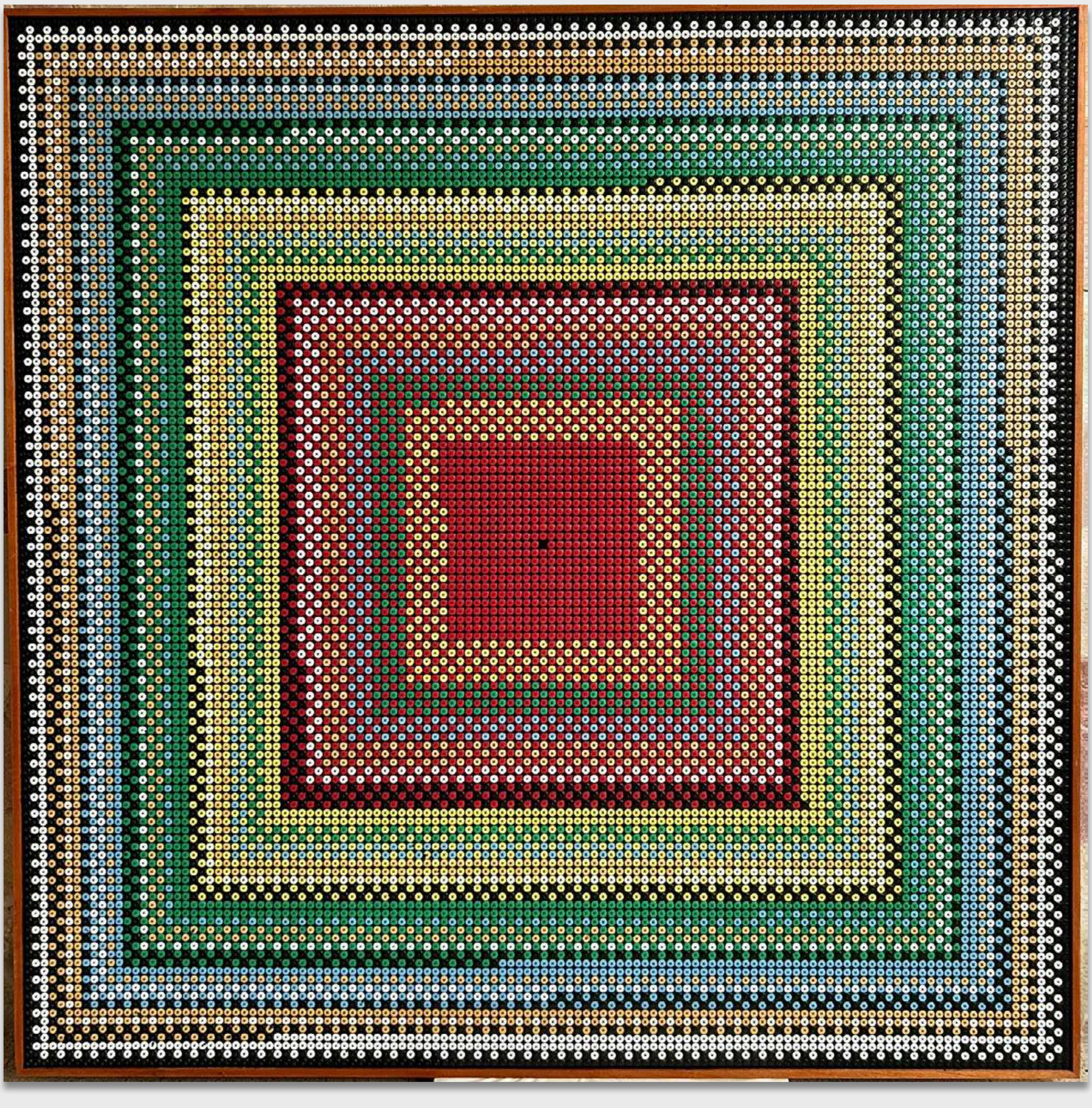
josé

patrício

José Patrício
Circuito cinético, 2024
botões e esmalte
sintético sobre madeira
edição de 3 + 1 PA
160 x 160 cm



José Patrício
15.624 botões - progressão cromática decrescente, 2024
botões e esmalte
sintético sobre madeira
edição de 3 + 1 PA
190 x 190 cm



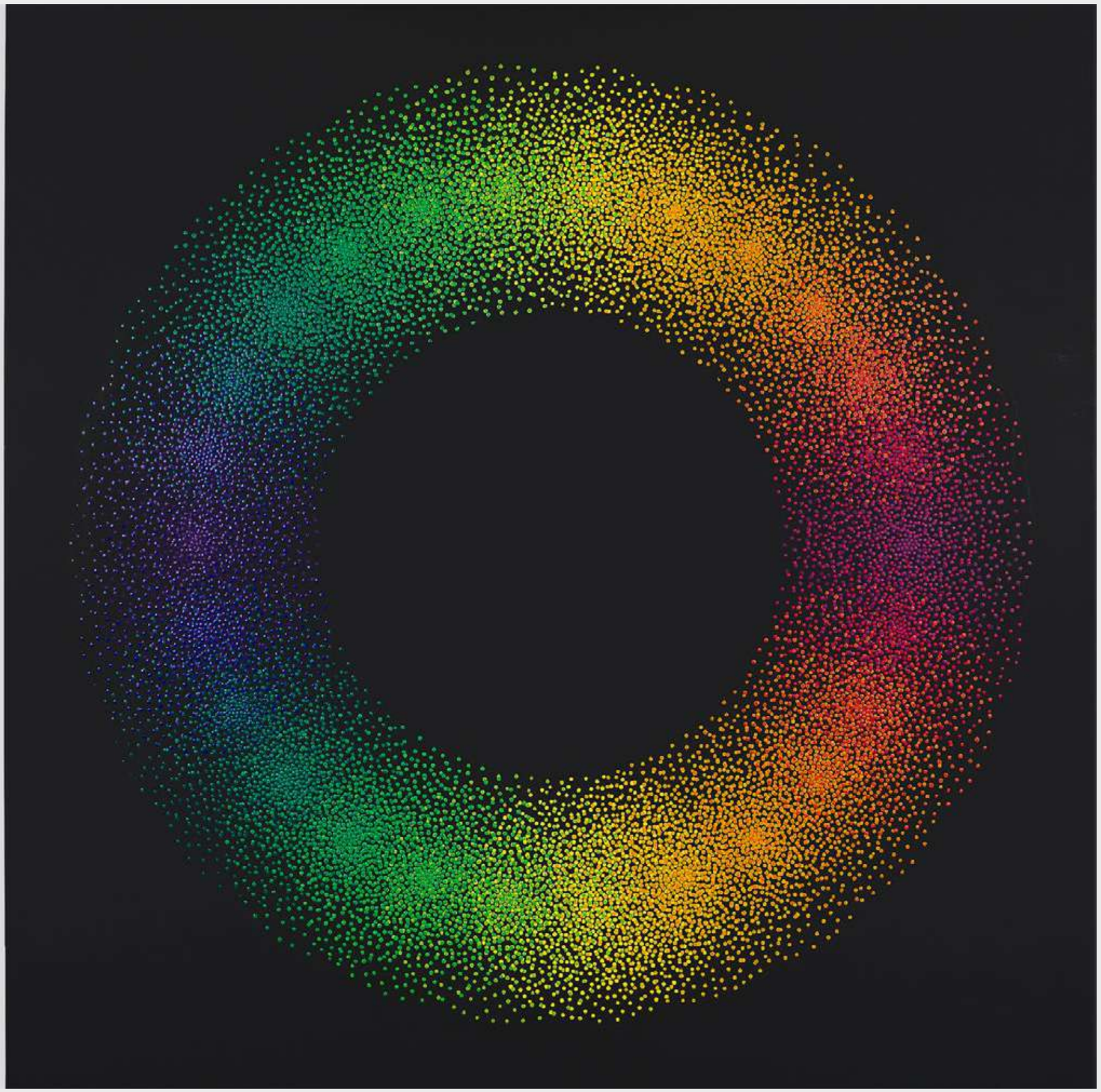
mais sobre o artista →

vista do stand,
SP-Arte 2025

julio
le parc

Julio Le Parc
Continuel mobile cube inox, 2019
aço inox e nylon
147 x 142 x 157 cm

Julio Le Parc
Alchimie 578, 2019
tinta acrílica sobre tela
200 x 200 x 3,5 cm



mais sobre o artista →

vista do stand,
SP-Arte 2025

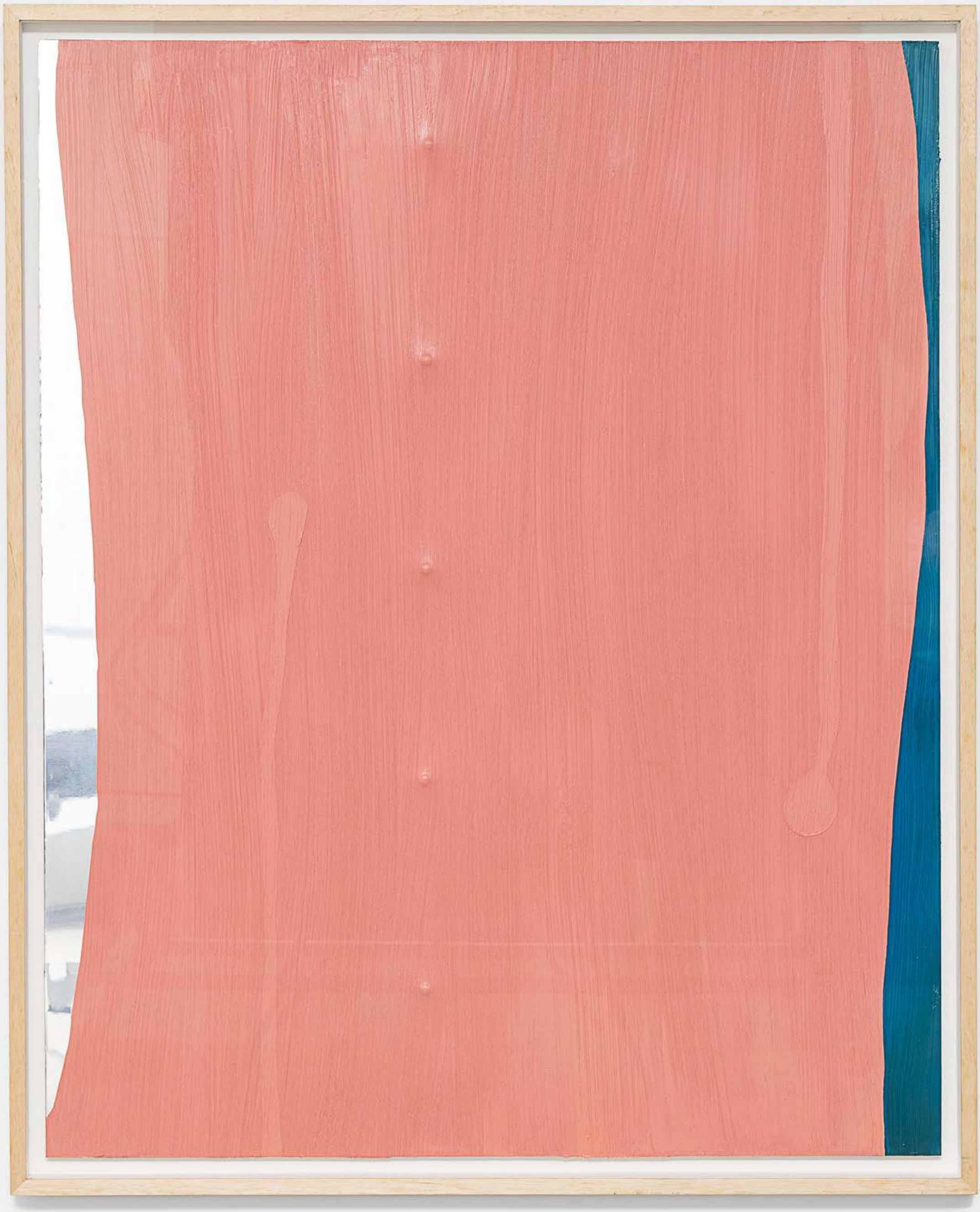
heinz mack

Heinz Mack
Sem título (Chromatic constellation), 2020
tinta acrílica sobre tela
154 x 182,5 x 2 cm

mais sobre o artista →

carlito carvalhosa

Carlito Carvalhosa
Sem título (P31/19), 2019
tinta óleo sobre alumínio
122 x 98 cm



mais sobre o artista →

gerardo
rosales

Gerardo Rosales
Erizos, 2024
tinta acrílica e guache
acrílico sobre tela
120 x 151 x 3,5 cm

mais sobre o artista →

sheila hicks

Sheila Hicks
Bastão que fala, 2024-2025
fibra sintética, algodão e bambu
140 x 160 x 5 cm

mais sobre a artista →

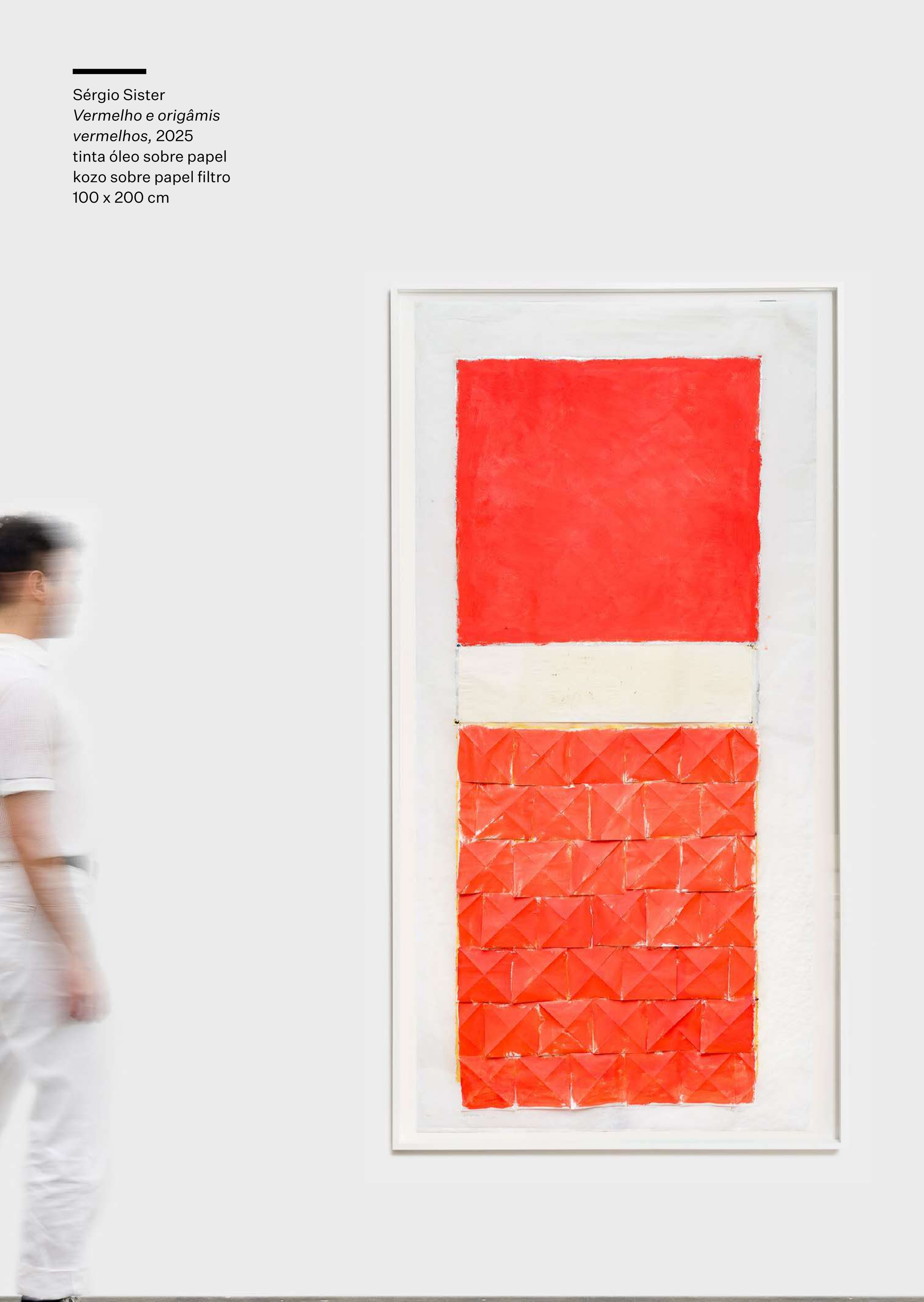
cristina canale

Cristina Canale
Outono, 2025
tinta óleo e acrilica, pasta acrilica
e colagem de tecidos sobre linho
110 x 100 cm

mais sobre a artista →

sérgio sister

Sérgio Sister
Vermelho e origâmis vermelhos, 2025
tinta óleo sobre papel kozo sobre papel filtro
100 x 200 cm



Sérgio Sister
Vermelho e origâmis brancows, 2025
tinta óleo sobre papel kozo sobre papel filtro
100 x 200 cm

mais sobre o artista →

vista do stand,
SP-Arte 2025

daniel buren

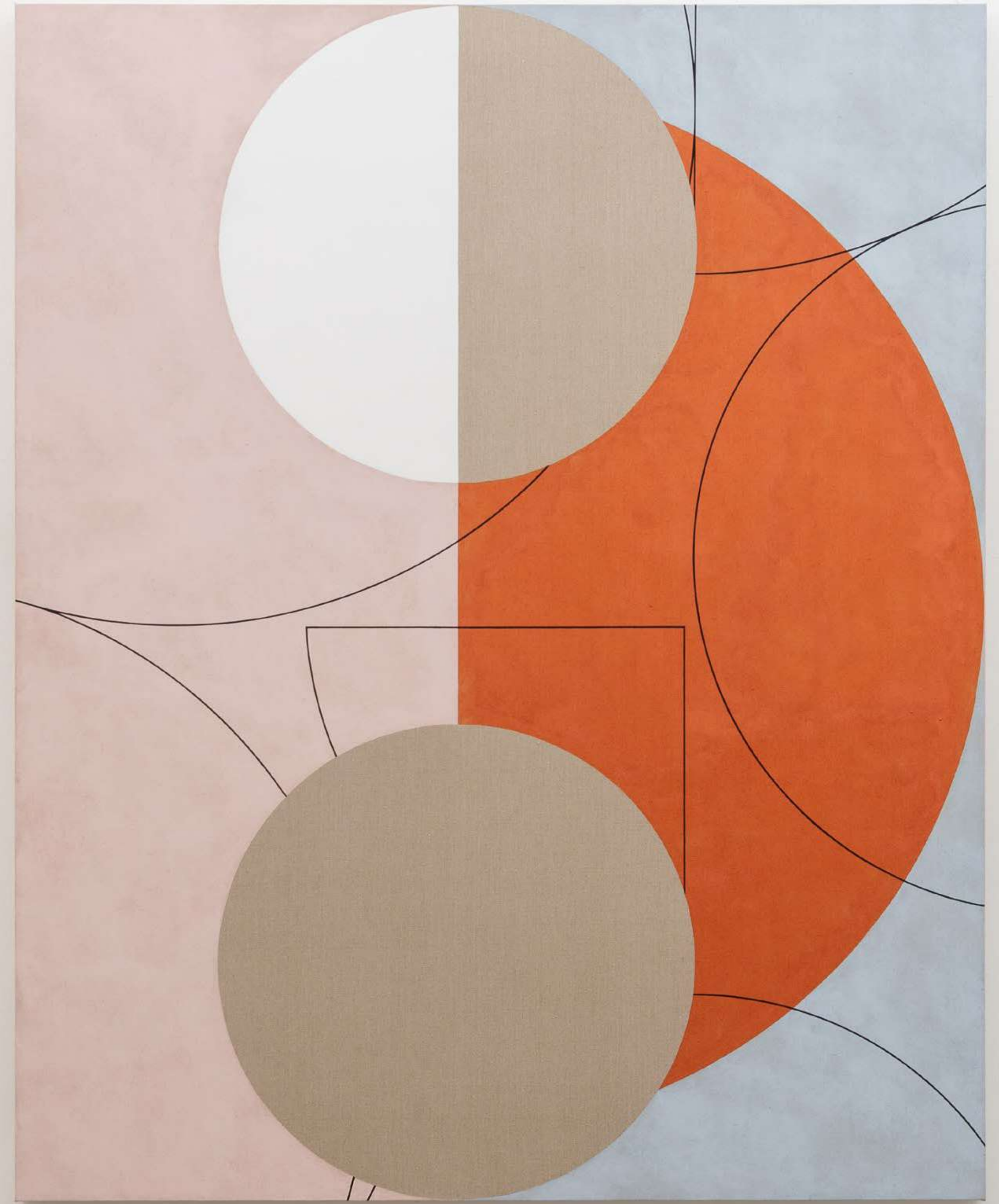
Daniel Buren
Prismas e Espelhos, alto-relevo - n° 42 trabalho situado, 2023
madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil
217,5 x 130,5 x 30,45 cm

mais sobre a artista →

jose dávila

Jose Dávila
The fact of constantly returning
to the same point or situation, 2024
serigrafia e tinta vinílica sobre linho em tear
210 x 170 x 6 cm

Jose Dávila
The fact of constantly returning
to the same point or situation, 2024
serigrafia e tinta vinílica sobre linho em tear
210 x 170 x 6 cm



Jose Dávila
Tesis metafísica, 2019
vigas de metal, tinta epóxi,
rocha vulcânica, pedregulho,
esfera de vidro e fio de metal
unique
142 x 298,2 x 138,7 cm

mais sobre o artista →

vista do stand,
SP-Arte 2025

rodolpho
parigi

Rodolpho Parigi
A fumante, 2025
tinta óleo sobre tela
150 x 150 x 4 cm

mais sobre o artista →

marco a. castillo

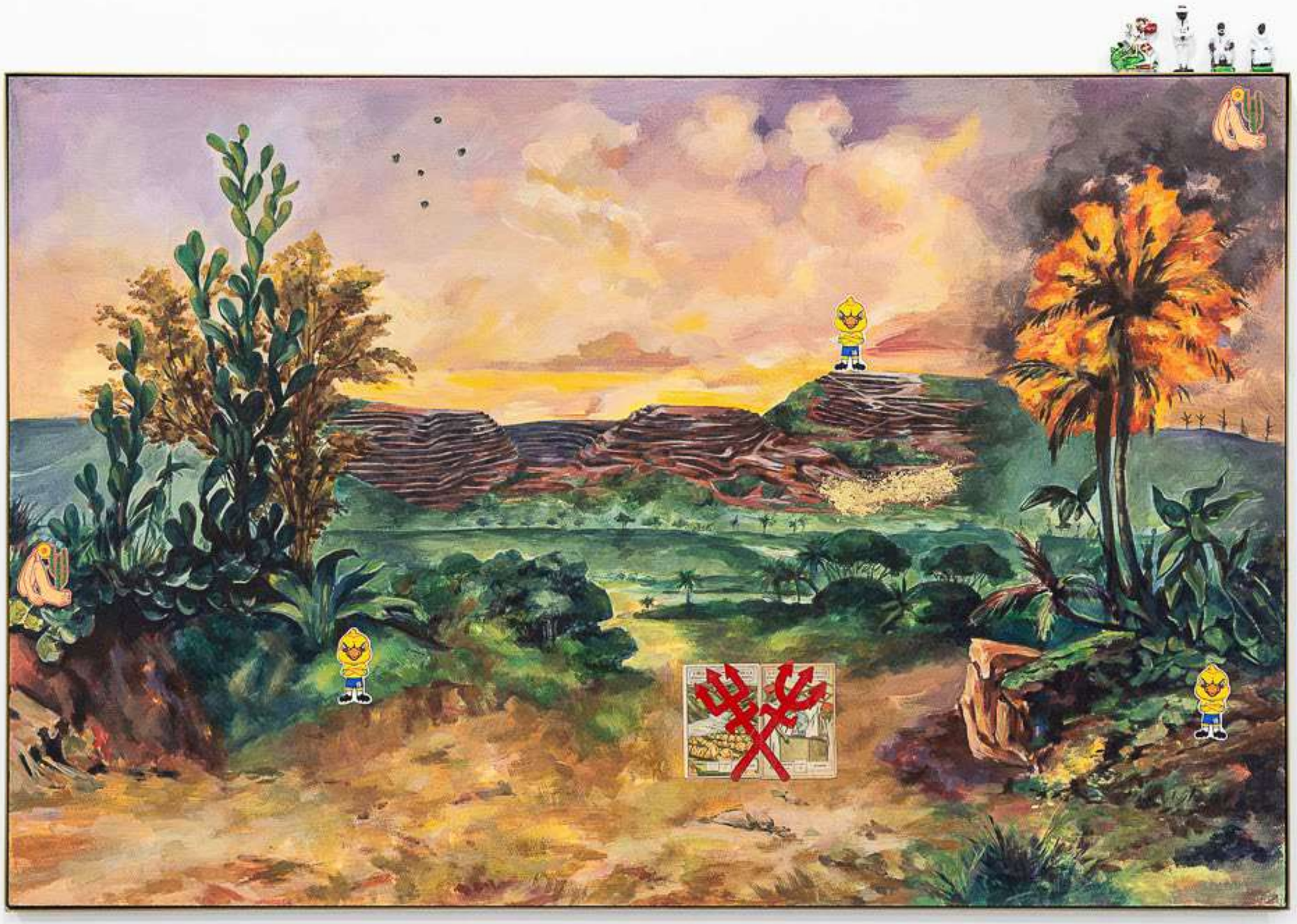
Marco A. Castillo
Wakamba con facciones cuadradas 1, 2024
cartão
100 x 70 x 17 cm

Marco A. Castillo
Aberración I, 2024
cartão
100 x 70 x 17 cm

mais sobre o artista →

jaime lauriano

Jaime Lauriano
Entradas em Minas Gerais, 2025
tinta acrílica, adesivos, miniaturas
em chumbo e estampas sobre MDF
70 x 100 x 4 cm



mais sobre o artista →

daniel senise

Daniel Senise
Sem título (Capela Sistina), 2025
monotipia de parede em
tecido e médium acrílico
200 x 293 x 5,5 cm

mais sobre o artista →

angelo venosa

Angelo Venosa
Sem título, 2021
aço corten
edição de 3 + 1 PA
74 x 120 x 197 cm

mais sobre o artista →

andré griffo

André Griffo
Base para crucificação, 2025
tinta óleo e acrílica sobre lona
200 x 252 cm

André Griffo
A supressão do santo pelo ornamento 5, 2025
tinta óleo e acrílica
sobre compensado naval
194 x 135 cm

mais sobre o artista →

antonio
dias

Antonio Dias
Sem título, 1985
cobre e tinta acrílica sobre tela
75 x 240,7 x 3 cm

mais sobre o artista →

richard long

Richard Long
Sem título, 2024
tinta acrílica e argila
sobre madeira com pregos
63 x 22 x 11,5 cm

Richard Long
Sem título, 2024
tinta acrílica sobre
madeira com pregos
345 x 5,5 x 8 cm

cliqui para ir para o início do preview ↑

mais sobre os artistas

jim lambie
n. 1964, Glasgow, Escócia, onde vive e trabalha

O trabalho lúdico e imaginativo de Jim Lambie em colagem, instalação e escultura cria um impacto visual imediato e mostra seu interesse na psicologia do espaço e da cor. Usando materiais como glitter, tinta, espelho e fita de vinil, ele monta, altera e embeleza ambientes e objetos comuns, como cadeiras, roupas, portas e pôsteres. O trabalho de Lambie reflete seu ambiente cotidiano e faz referências perspicazes a aspectos da sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que nos permite conhecer de perto seus processos de trabalho e experimentos realizados em seu estúdio.

Os materiais utilizados pelo artista em suas esculturas têm qualidades formais em comum, como a cor ou o acabamento, e frequentemente se relacionam diretamente com nossa vida cotidiana, como objetos sobre os quais sentamos, vestimos ou seguramos.

exposições individuais selecionadas
- *Buttercup*, The Modern Institute, Glasgow, Escócia (2021)
- *Zobop (Cerulean) Stairs*, Central Museum, Utrecht, Países Baixos (2019)
- *RSVP: Jim Lambie*, Museum of Fine Arts, Boston, EUA (2008)
- *Unknown Pleasures*, Hara Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão (2008)

exposições coletivas selecionadas
- *It Must be Seen*, Fundación Juan March, Madrid, Espanha (2025)
- *Ordinary Extraordinary*, Orange County Museum of Art, Costa Mesa, EUA (2024)
- *The Christmas Show*, Royal Scottish Academy, Edimburgo, Escócia (2021)
- *Op Art in Focus*, Tate Liverpool, Liverpool, Reino Unido (2018)

coleções selecionadas
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Hara Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

fabio miguez
n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruça sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos) – Fábio Miguez*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variaçõe*s, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas
- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias,* Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas
- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

vik muniz
n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação
Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Flora Industrialis,* Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas
- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images,* Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion,* Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society,* Museum of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

artur lescher
n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou "a inquietude", como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a "suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada."

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
• *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
• *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
• *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
• *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
• *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas
• 3rd Forever is Now, Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
• Form Follows Energy, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
• Tension and Dynamism Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
• Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
• Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
• El círculo caminaba tranquilo, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
• The Circle Walked Casually, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas
• Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
• Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
• Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
• Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

abraham palatnik
n. 1928, Natal, Brasil
m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil.
Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismobrasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual.
O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
• *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
• *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
• *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
• *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas
• *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
• *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
• *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
• *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
• Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
• Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
• Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
• William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

voltar para o trabalho do artista ↑

amelia toledo
n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art*, 1960–1985, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 0ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho da artista ↑

alberto pitta
n. 1961, Salvador, Brasil
vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia Iorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretam a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas
- *Outros Carnavais,* Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas
- *Stirring the Pot,* Casa da Cultura da Comporta, Comporta, Portugal (2024)
- *24ª Bienal de Sidney*, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas
- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

voltar para o trabalho do artista↑

isaac julien
n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Isaac Julien – Fantôme Afrique,* Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
• *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
• *Once Again…(Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
• *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
• *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
• *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
• *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas
• *Black Diasporas: 21st Century Art and Poeticas,* LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
• *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15,* Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
• *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
• 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
• *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
• *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
• Trienal de Paris, França (2012)
• 7ª Bienal de Gwangju, Coréia do Sul (2008)

coleções selecionadas
• Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
• Centre Georges Pompidou, Paris, França
• Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
• Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
• Tate Modern, Londres, Reino Unido
• SFMoMA, San Francisco, EUA
• Young Museum, San Francisco, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

elian almeida
n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Elian Almeida tem como principal objeto de sua poética a produção de uma cultura visual ligada a ideia de negritude no Brasil, sobretudo por meio do campo pictórico. Com uma abordagem decolonial, recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e a divulgação da historiografia afro-brasileira.

Visando contornar a ausência de referências negras em nossa cultura visual, revisita diversos tipos de imagens, que vão desde pinturas históricas e gêneros consagrados, como o retrato, até aquelas presentes em nosso dia a dia, como capas de revistas e cenas do noticiário. Por meio de poderosas referências negras, individuais ou coletivas, ajuda a propor outras possibilidades de se estar no presente e de projetar futuros possíveis.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Pessoas que eram coisas que eram pessoas,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Antes – agora – o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *Encruzilhadas da arte afro-brasileira,* Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Quilombo: vida, problemas e aspiracoes do negro,* Inhotim, Minas Gerais, Brasil (2022)
- *Atos de revolta*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Nova vanguarda carioca*, Cidade das Artes, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Crônicas cariocas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Mostra memórias da resistência*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Bela verão e Transnômade Opavivará*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, Museu do Futuro, Curitiba, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

raul mourão
n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos
visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Cage Head,* America's Society, Nova York, EUA (2023)
- *Lugar Geométrico,* Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- Coleções no MuBE: *Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, EUA (2016)
- Bienal de Vancouver 2014–2016, Canadá (2014)

coleções selecionadas
- ASU Art Museum, Tempe, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

berna reale
n. 1965, Belém do Pará, Brasil, onde vive e trabalha

Berna Reale é uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática de performance no país. Reale iniciou sua carreira artística no começo da década de 1990. Seu primeiro trabalho de grande impacto, *Cerne* (25º Salão Arte Pará, 2006), intervenção fotográfica realizada no Mercado de Carne do Complexo do Ver-o-Peso, conduziu a artista ao Centro de Perícias Renato Chaves, onde passou a trabalhar como perita a partir de 2010.

Desde então, Reale tem explorado seu próprio corpo como elemento central da produção de suas performances, fotografias e vídeos. Seus trabalhos, marcados pela abordagem crítica dos aspectos materiais e simbólicos da violência e dos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade, investigam a importância das imagens na manutenção de imaginários e ações brutais. A potência de sua produção reside na contraposição entre o desejo de aproximação e o sentimento de repulsa, ressaltando a ironia que resulta da combinação entre o fascínio e a aversão da sociedade pela violência.

A fotografia, nesse contexto, desempenha um papel fundamental. Ela não é apenas o meio de registro de suas ações, capaz de perpetuá-las, mas um desdobramento de seu processo de criação.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Ruídos,* Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, Brasil (2024)
- *Agora*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Festa*, Viaduto das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2019)
- *Deformatio*n, Bergkirche (2017)
- *Berna Reale – Über uns / About Us*, Kunsthaus, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale: Singing in the Rain*, Utah Museum of Contemporary Art (UMoCA), Salt Lake City, EUA (2016)
- *Vazio de nós*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas
- *Brasilidade Pós-Modernismo*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2022)
- 3rd Beijing Photo Biennial, China (2018)
- *Brasile. Il coltello nella carne*, Padiglione d'Arte Contemporanea Milano (PAC-Milano), Milão, Itália (2018)
- *Video Art in Latin America*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- *Artistas comprometidos? Talvez*, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, Portugal (2014)

coleções selecionadas
- Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Kunsthaus Wiesbaden, Wiesbaden, Alemanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

bruno dunley
n. 1984, Petrópolis, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Clouds*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015) e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- *11bis Project Space*, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas
- *The rains are changing fast,* The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024)
- *Aberto 02,* Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil
- *Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD*, Park – platform for visual arts, Tilburg, Paises Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporáneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas
- The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

karin lambrecht
n. 1957, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma "visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade". Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados.
A abstração gestual, característica da "Geração 80", da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Seasons of the Soul*, Rothko Museum, Daugavpils, Letonia (2024)
- *Seasons of the Soul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas
- *Fullgás: Artes Visuais e anos 1980 no Brasil,* Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Acervo em transformação: Doações recentes*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Alegria: A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum fur Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho da artista ↑

manoela medeiros
n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- O carnaval da substância, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- Concerto a céu aberto, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- L'étre dissout dans le monde, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- Poeira varrida, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- Falling Walls, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas
- Afirmacão - Brésil, l'affirmation d'une generation, La Galerie du Jour, Paris, França (2023)
- Arqueologias no presente, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- Recycler / Surcycler, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- Reservoir, 019, Ghent, Bélgica (2020)
- Vivemos na melhor cidade da América do Sul, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- Hall-statt, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- In Between, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- 11º Abre Alas, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

voltar para o trabalho da artista ↑

cássio vasconcellos
n. 1965, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Cássio Vasconcellos iniciou sua carreira de fotógrafo no começo dos anos 1980. Apesar de ter vasta experiência como fotojornalista, sua produção artística se destaca pela criação de espaços imaginários e de ficções a partir de elementos da realidade. Seu trabalho ultrapassa os métodos tradicionais da fotografia documental, criando uma linguagem experimental voltada à crítica da sociedade contemporânea. A predileção pela fotografia aérea auxilia na criação de imagens impactantes, que jogam, a partir da escala, com a nossa percepção do mundo. Vasconcellos publicou diversos livros reunindo essa produção, como *Brasil visto do céu* (Editora Brasileira, 2017), *Panorâmicas* (DBA, 2012) e *Noturnos São Paulo* (2002), entre outros.

Nas suas fotos, podemos nos encontrar diante do excesso de produtos disseminados no nosso cotidiano, assim como da regularidade das formas arquitetônicas que parece se expandir infinitamente, figurações que aparecem como emblemas de nossa cultura. Ou nos deparamos com a exuberância incomensurável da natureza, traduzida em paisagens, tal como na série *Viagem pitoresca pelo Brasil* (2015), em que o artista se baseia e se inscreve na longa tradição de artistas que buscaram capturar o interior de nossas florestas. Percebe-se, então, que subjaz algo de sublime ao trabalho de Vasconcellos, tendo em vista que suas fotografias nos colocam em contato com aquilo que é demasiadamente vasto.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Viagem Pitoresca pelo Brasil*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Dríades e faunos*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *Collectives*, St Georges's Gate (Castle of Ioannina), Photometria Festival, Ioannina, Grécia (2019)
- *Viagem pitoresca pelo Brasi*l, Pequena Galeria 18, São Paulo, Brasil (2015)
- *Aéreas do Brasil*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2014)
- *Coletivos*, Today Art Museum (TAM), Pequim; Art + Shanghai Gallery, Xangai, China (2013)

exposições coletivas selecionadas
- Festival La Gacilly-Baden Photo, Baden, Áustria (2024)
- 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Trees*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2019)
- *Civilization: The Way We Live Now*, National Museum of Modern and Contemporary Art (MMCA), Seul, Coréia do Sul (2018)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art of São Paulo*, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Aquí nos vemos – Fotografía en América Latina 2000–2015*,
- Centro Cultural Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2015)

coleções selecionadas
- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA

voltar para o trabalho da artista ↑

laura vinci
n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como "ampulheta", desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente
em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *maquinamata*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, EUA (2014)
- Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas
- *El Dorado: Myths of Gold,* Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil, 1901-2021*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- Exposición 13, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho da artista ↑

marcelo silveira
n. 1962, Gravatá, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto, obras por Marcelo Silveira*, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor, Museu da Imagem e do Som* (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas
- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- *35º Panorama da Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil*: Itaú Cultural 30 anos, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- *29ª Bienal de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2010)
- *4ª Bienal de Valência*, Espanha (2007)

coleções selecionadas
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

jonathas de andrade
n. 1982, Maceió, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade. Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Le Syndicat des Olympiades,* La Galerie, Noisy-le-Sec, França (2024)
- *Olho-Faísca,* Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2023)
- *Com o coração saindo pela boca*, 2022, Pavilhão Brasil, 59ª Bienal de Veneza
- *Eye-Spark,* CRAC Alsace, Altkirch, França (2022)
- *O rebote do bote*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
- *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019) *Visões do Nordeste,* Museo Jumex, Cidade do México, México (2017)
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas
- *O Mundo é o Teatro do Homem*, Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil (2022)
- 16ª e 12ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2019 e 2011)
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- 12th Lyon Biennial, France (2013)
- New Museum Triennial, New York, USA (2012)

coleções selecionadas
- Centre Georges Pompidou, Paris, França Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

voltar para o trabalho do artista ↑

marcos chaves
n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- *Logradouro*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas
- *Histórias Brasileiras,* Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- Manifesta 7, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 1ª e 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas
- Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália
- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

thiago barbalho
n. 1984, Natal, Brasil
vive e trabalha em São Roque, Brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intricadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Segredos e Feitiços,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Cacimba Nova,* Casa de Cultura Jardim do Seridó, Jardim do Seridó, Brasil (2024)
- *Depois que entra ninguém sai*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Correspondência*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2019)
- *Thiago Barbalho*, Kupfer Project Space, Londres, Reino Unido (2018)

exposições coletivas selecionadas
- *Phantom Dance: Thiago Barbalho and Theodore Ereira Guyer,* Elizabeth XI Bauer, Londres, (2023)
- *Mapa da estrada: Novas obras no acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Electric Dreams*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, Portugal (2019)
- *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
- *Shadows & Monsters*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2017)

coleções selecionadas
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

brígida baltar
n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Pontuações,* Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brigida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brigida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil,* Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos,* Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes*, Portraits and Still Lives, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

voltar para o trabalho da artista ↑

mônica ventura
n. 1985, São Paulo, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. "A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade", explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um "belo ruído organizado", que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

exposições individuais selecionadas
- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio,* Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene,* Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas
- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

coleções selecionadas
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

voltar para o trabalho da artista ↑

lucia koch
n. 1966, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista "reorganiza a compreensão visual de espaços [...] e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa". A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Double Trouble*, Palais d'Iéna, Paris, França (2022)
- *PROPAGANDA*, Instituto Inhotim de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil (2021)
- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019) *Uma boa ordem*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2019)
- *A longa noite*, Sesc Pompéia, São Paulo, Brasil (2018)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
- *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogota, Colombia (2014)
- *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil (2012)
- *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brazil (2007)

exposições coletivas selecionadas
- 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
- Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas, EUA (2018)
- 2th Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – *Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA (2017)
- *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazi*l, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014)
- 11ª Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
- 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
- 8ª Bienal do Mercosul, Brasil (2011)
- Aichi Triennale, Nagoya, Japão (2010)
- *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, San Francisco, USA (2009); Contemporary Art Museum, Tokyo, Japão (2008)
- 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
- 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

coleções selecionadas
- J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho da artista ↑

josé patrício
n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um "patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros."

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *José Patrício: Agitações pelo Número*, Paço Imperial, Rio de Janeiro,Brasil (2024)
- *Infinitos Outros*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Potência criadora infinita*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *José Patrício: Algorithm in 'Object Recognition'*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H'Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)
- *Spots, Dots, Pips, Tiles: An Exhibition About Dominoes*. Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2017)
- *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Fondation Cartier pour L'art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

julio le parc
n. 1928, Mendoza, Argentina
vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception,* Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia,* Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas
- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet,* Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas
- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

heinz mack
n. 1931, Lollar, Alemanha
vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *The light in Me,* Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
• *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
• *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
• *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
• *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
• *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
• *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
• *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
• *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas
• *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)*
• *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)*New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
• *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
• *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
• *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
• *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
• 35th Venice Biennale, Itália (1970)
• *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas
• Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
• Centre Georges Pompidou, Paris, França
• Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
• Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
• Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
• Tate, Londres, Reino Unido

voltar para o trabalho do artista ↑

carlito carvalhosa
n. 1961, São Paulo, Brasil
m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das "ceras perdidas". Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, "colocam nossa presença dentro delas". Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Matter as Image. Works from 1987 to 2021,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
• *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
• *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
• *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
• *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas
• *Sensory Poetics: Collecting Abstraction,* Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
• *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
• *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary A*rt, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
• 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
• *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
• 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
• 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas
• Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
• Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
• Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
• Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
• Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

gerardo rosales
n. 1967, Venezuela
vive e trabalha em Houston, EUA

Tendo iniciado sua trajetória como um artista autodidata, Rosales traz para seu trabalho elementos característicos da cultura popular latino-americana, como animais reais ou lendários, padrões têxteis, festas populares, cenas cotidianas, espécies botânicas locais e seres híbridos. A temática aparentemente popular e artesanal se combina a elementos da cultura pop e high-tech, como personagens de videogame, brinquedos e cores de aspecto gráfico, combinando assim diferentes referências visuais, fruto do intercâmbio cultural que perpassa sua trajetória.

Suas composições são intensamente coloridas, repletas de padrões e elementos visuais de natureza dinâmicas que destacam a narrativa presente nos trabalhos, aspecto que é reforçado pela elaborada linearidade com que o artista constrói suas composições, aproximando algumas delas a têxteis e bordados.

Multidisciplinar, Rosales tem no trabalho pictórico uma parte expressiva de sua produção. No entanto, desenvolve também trabalhos de natureza escultórica, instalativa e por vezes utiliza suportes e materiais pouco convencionais, como camisetas, e latas. Ainda que muitas de suas obras tenham aspecto infantil, carregam consigo discussões complexas sobre sexualidade, violência, desigualdade social e grupos marginalizados.

exposições individuais selecionadas
- *Rio Chiquito*, Museum of Contemporary Art Houston, Houston, EUA (2024)
- *Ornamento y Delito*, Carmen Araujo Arte Gallery, Caracas, Venezuela (2022)
- *Undercover*, Galveston Art Center, Galveston, EUA (2019)
- *Mind your Step*, Avis Frank Gallery, Houston, EUA (2013)

exposições coletivas selecionadas
- *Withstand: Latinx Art during Conflicts*, Holocaust Museum, Houston, EUA (2021)
- *Carriers: The Body as a Site of Danger and Desire*, Blaffer Museum, Houston, EUA (2021)
- *Lo Politico*, Carmen Araujo Arte Gallery, Caracas, Venezuela (2014)

coleções selecionadas
- Patricia Phelps de Cisneros Collection, Nova York, EUA
- Bank of Venezuela, Caracas, Venezuela
- Ateneo de Valencia, Valencia, Venezuela

voltar para o trabalho do artista ↑

sheila hicks
n. Hastings, EUA, 1934
Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente, além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coréia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – "uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída", brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar, ou construir, experiências memoráveis, perenes a auráticas.

exposições individuais selecionadas
- *Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity*, The High Line, Nova York, EUA (2017)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017*, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

exposições coletivas selecionadas
- *Surrounds – 11 installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Weaving Beyond the Bauhaus*, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019*, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)
- *Beyond Craft*, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
- *Voyage d'Hiver*, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
- 57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017

coleções selecionadas
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Industriet Museum, Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido)

voltar para o trabalho do artista ↑

cristina canale
n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada "Geração 80", sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhardt Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda "a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular".

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Memento Vivere,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas
- *Co/respondencias: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof – Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho da artista ↑

sérgio sister
n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Pintura entre frestas e cavidades,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nymphe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas
- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)
- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas
- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

daniel buren
n. 1938, Boulogne-Billancourt, França
vive e trabalha *in Situ*

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quando atuou como membro fundador da associação Buren, Mosset, Parmentier, Toroni (BMPT). Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar seu interesse para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente não só discursivo, mas físico, dentro e ao redor do qual o público pode se movimentar. Por isso, ele se tornou responsável por introduzir a noção de *in situ* nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço, utilizando filtros e lâminas de vidro ou acrílico. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço – sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos –, convidando o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Daniel Buren*, Daegu Art Museum, Daegu, Coréia do Sul (2022)
- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos 'in situ'*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Daniel Buren. Une Fresque / Een Fresco / a Fresco*, BOZAR/Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *Daniel Buren. Comme un jeu d'enfant, travaux in situ*, Musée d'Art moderne et contemporain, Strasbourg, França (2015)
- *Allegro Vivace*, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, Baden-Baden, Alemanha (2011)

exposições coletivas selecionadas
- *Daniel Buren & Michelangelo Pistoletto,* Palais d'Iéna, Paris, França (2023)
- *En Plein Air, High Line Art*, Nova York, EUA (2019)
- *La Collection (1), Highlights for a Future*, Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (SMAK), Gent, Bélgica (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Pedra no céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- Documenta 5 (1972), 6 (1977) e 7 (1982), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas
- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Donnaregina Contemporary Art Museum - Madre Museum, Nápoles, Itália
- Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, EUA
- Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig Wien, Viena, Áustria
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Gallery of Modern Art, Roma, Itália
- National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
- Neues Museum Nuremberg, Nuremberg, Alemanha
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

voltar para o trabalho do artista ↑

jose dávila
n. 1974, em Guadalajara, México, onde vive e trabalha

Há mais de vinte anos Jose Dávila tem atuado principalmente no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. Seus trabalhos, também se desdobram na produção de imagens em diferentes mídias como o desenho, a pintura e a gravura. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças instaura um estado de atenção que apura nossa percepção do espaço, também posta em cheque ao nos conduzir a encarar os elementos empregados em sua construção sob diferentes perspectivas, observando como são capazes de fazer coexistir a brutalidade e a fragilidade, a forma orgânica e forma artificial, a organização e o caos, a ameaça e o convívio.

A prática de Dávila se baseia em abordagem original das propriedades fundamentais do meio escultórico, tais como peso, densidade, forma, solidez, volume e massa. A esses aspectos somam-se as características das próprias matérias, que podem ser empregadas em estado bruto, como rochas, ou após terem passado por processos industriais, como estruturas de metal, concreto e vidro, fazendo do trabalho do artista o resultado expressivo da vontade construtiva humana. Articulando diferentes objetos, muitas vezes com auxílio de cordas e fios, ou apoiando-os um nos outros, o artista dá protagonismo às forças físicas, explicitadas pela relação de dependência entre as formas e fazendo-nos notar os diversos ritmos propostos pelas dinâmicas e tensões internas à sua configuração.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Um pirata, um poeta, um peão e um rei,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Las piedras saben esperar,* Centro Internazionale di Scultura, Peccia, Suíça (2021)
- *Directional Energies,* Dallas Contemporary, Dallas, EUA (2020)
- *Pensar como una montaña,* Museo Amparo, Puebla, México (2019)
- *Non tutti quelli che vagano sono persi,* Museo del Novecento, Florença, Itália (2018)
- *Die Feder und der Elefant,* Kunsthalle Hamburg, Hamburgo, Alemanha (2017)
- *Jose Dávila: The Object and the Environment,* Jumex Museum, Cidade do México, México (2016)

exposições coletivas selecionadas
- 16ª Bienal de Lyon, França (2022)
- 22ª Bienal de Sidney, Austrália (2020)
- 13ª e 12ª Bienal de Havana, Cuba (2019 e 2017)
- *Walking Through Walls,* Gropius Bau, Berlim, Alemanha (2019)
- *Cher(es) ami(e)s,* Centre Georges Pompidou, Paris, França (2016)
- *Panorama. Foreigners everywhere,* Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2009)
- *Eco. Mexican Contemporary Art,* Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha (2005)

coleções selecionadas
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha

voltar para o trabalho do artista ↑

rodolpho parigi
n. 1977, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

Rodolpho Parigi opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o *high tech*, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Latexguernica*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *El Bestiario*, Sketch, Bogotá, Colombia (2014)
- *Casa Modernista*, São Paulo, Brasil (2013)
- *Febre,* Pivô, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas
- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1-2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)
- *Works on Paper*, Rabitthole Space, Nova York, EUA (2011)

coleções selecionadas
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

marco a. castillo
n. 1971, Havana, Cuba
vive e trabalha entre Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de "geração esquecida", como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- Propriedad del estado, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- The Decorator's Home, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- El susurro del palmar, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- La cosa está candela, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- Los Carpinteros, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- Ciudad Transportable, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)

exposições coletivas selecionadas
- Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art, Columbia University, Nova York, EUA (2022)
- On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018)
- Everyday Poetics, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)
- Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- Alchemy: Transformations in Gold, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Bienal de Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Bienal de Sharjah, EAU (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

jaime lauriano
n. 1985, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Artista multimídia, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira por meio de vídeos, instalações, textos, pinturas e esculturas, tensionando marcadores sociais e narrativas históricas a partir de proposições críticas,seus trabalhos são capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pemba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Why don't you know about western remains?,* Nara Roesler,Nova York, EUA (2024)
- *Aqui é o fim do mundo,* Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Paraíso da miragem*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2022)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas
- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- 37º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *Social Fabric: Art and Activism in Contemporary Brazil*, Visual Arts Center, The University of Texas, Austin, EUA (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories,* National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022); Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2022)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil, 2021
- 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018)

coleções selecionadas
- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

voltar para o trabalho do artista ↑

daniel senise
n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como "construção de imagens". O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotipias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Biógrafo: Daniel Senise,* Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- *Pinacoteca do Estado de são Paulo, São Paulo, Brasil (2009)*
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- *Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México (1994)*
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de Sao Paulo, Brasil (1985, 1989, 1998, 2010)*
- *11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011)*
- *44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)*
- *2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba (1986)*

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

angelo venosa
n. 1954, São Paulo, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

No início da década de 1970 frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Na década de 1980, assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada "Geração 80". Venosa se distingue de grande parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua, emanando referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

Sobre seus trabalhos, sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: "Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de *A montanha mágica*, de Thomas Mann: "O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d'água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco."

"A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irredutível, inquietante."

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Angelo Venosa,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Angelo Venosa: Escultor,* Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- Projeto Clareira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2021), São Paulo, Brasil
- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas
- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 45ª Bienal de Veneza, Itália (1993)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

andré griffo
n. 1979, Barra Mansa, Brasil
vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas. Nesse sentido, suas telas são complexos arquivos visuais onde coexistem os mais diversos elementos, cujas relações são capazes de ressignificar e aprofundar as críticas ali presentes. O trabalho de Griffo volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial sobre as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Entre elas, o artista volta-se às permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira, assim como aos mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis.

Griffo utiliza sua formação em arquitetura para elaborar espaços em que coexistem referências históricas e contemporâneas. Seus espaços, usualmente vazios, são habitados por rastros, símbolos e signos que destacam a permanência e influência do passado em problemáticas socioculturais atuais de modo fantasmático. Sua produção entrelaça o documental e o ficcional, explorando a conexão entre as disciplinas da História da Arte e da Arquitetura às questões sociais, brasileiras e mundiais. Ao sobrepor diversas temporalidades e suas complexas realidades, os trabalhos de Griffo expõem elementos constitutivos da sociedade de modo a criar relatos sobre a permanência das coisas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)
- *Predileção pela alegoria, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2015)*

exposições coletivas selecionadas
- *Essa cidade sempre maravilhosa,* Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Sobre os ombros de gigantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc Vídeo Brasil, São Paulo, Brasil (2019)
- *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Ao amor do público,* Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

coleções selecionadas
- Denver Art Museum, Denver, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

antonio dias
n. 1944, Campina Grande, Brasil
m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofiguralivismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano 'Arte Povera', entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975, Americas Society, Nova York, EUA (2021)

- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

voltar para o trabalho do artista ↑

richard long
n. 1945, Bristol, Reino Unido
Vive e trabalha entre Londres e Bristol, Reino Unido

Desde o final da década de 1960, Long fez da natureza o tema de seu trabalho. Já no início de sua carreira, começa a trabalhar ao ar livre usando materiais naturais que encontrava, como grama e água: um dos primeiros trabalhos, de 1964, consistia em uma bola de neve e o rastro que ela fazia quando rolava. Isso acabou evoluindo para a ideia de se fazer esculturas caminhando. Seu primeiro trabalho nesse sentido foi A Line Made By Walking, de 1967: uma linha reta em um campo de grama registrada como uma fotografia com texto. Suas criações expressas por meio de caminhadas acabaram por incluir a passagem do tempo e do lugar para o campo escultórico, já que suas caminhadas são registradas ou descritas em fotografias, mapas ou textos. Long também coleta vários materiais encontrados no caminho para produzir suas obras, tanto na própria paisagem quanto em galerias. Nas suas palavras: “Estou interessado no poder emocional de imagens simples”, e os materiais que encontra são organizados em configurações como círculos e linhas, que são “atemporais, universais, compreensíveis e fáceis de fazer”.

Em sua poética, as alterações que realiza na paisagem são mínimas. Suas esculturas ao ar livre, sejam elas feitas caminhando ou colocando pedras ou gravetos, deixam uma evidência diminuta de sua presença. O artista trabalhou em algumas das paisagens mais remotas do mundo e, usando os meios mais econômicos, criou um corpo de trabalho que transcendeu as fronteiras internacionais e fala uma linguagem verdadeiramente universal.

exposições individuais selecionadas
- *Richard Long,* Rijksmuseum, Amsterdam, Países Baixos (2023)
- *Richard Long: Quantock Wood Circle*, Yale Center for British Art, New Haven, EUA (2022)
- *Richard Long,* Judd Foundation, Nova York, EUA (2016)
- *Richard Long: Time and Space*, Bristol, Reino Unido (2015)
- *Richard Long: Heaven and Earth*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2009)
- *Richard Long: The Path is The Place is The Line,* San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA (2006)

exposições coletivas selecionadas
- 22ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1994)
- 37ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (1976)

coleções selecionadas
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Centre Pompidou, Paris, França
- The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA

voltar para o trabalho do artista ↑

nara roesler

são paulo
av europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art
www.nararoesler.art